

CURITIBA

A SEMANA.a.l, n.l
1º jan31993

lx XRF



SECRETARIO

Dario Vellozo

Propriedade e redacção de

José Raposo

GERENTE

Herberto Coel.

Aos seus collegas

SAUDA



A SEMANA

Summario

A Semana.—Factos e boatos.—A roda.—A morte de um poeta.—Perdidos.—Reminiscencia.—A roceirinha.—Pagina solta.—A gondola branca.—Sapatos de defuncto.—Horas de ocio.—Palestra sobre mechanica.—Secção commercial.—Expediente.

A SEMANA

Curitiba, 1 de Janeiro de 1878

Quis atirado á circulaçào o primeiro numero d'*A Semana*.

E antes de o fazer, quantas hesitações, quanto querer e não querer, para, afinal, tomarmos a suprema resolução de impellir-a para o vae-vem da Opinião!

O que ella, *A Semana*, é, será, dil-o o programma que mandamos espalhar e que abaixo reproduzimos.

Menina *gatê*, cheia de susceptibilidades e nervos, vae atravessar quem sabe? alamedas juncadas de espinhos, com os pésinhos a sangrar, rotos os seus sapatinhos de setim.

Nasceu de uma idéa e creou-se nos braços de amigos, que a não quizeram ver morta, senão vigorosa e sadia.

O que fará no seu percurso?

Nem mesmo o sabemos.

Levada pela mão por um punhado de rapazes de talento, *A Semana* faz a sua entrada na sociedade com o seu vestidinho de setim *bleu ciel*, coberta de joias tiradas do escriptorio de uma mocidade intelligente e estudiosa.

E os cuidados que ella vae ter com o seu vestidinho novo!

E' o primeiro *bonito* que recebe, e, para não manchal-o, porá o guardanapo das conveniencias para quando lhe offerecerem gorduras, a gordura da politica, por exemplo, repellil-as, contrahindo os labios n'um trejeito de menina bem educada.

E cremos que viverá feliz. Sentada ao collo das moças murmurar-lhes-ha, ao ouvido, threnos e contos, e, sisuda com os homens, dir-lhes-ha gentilhezas quando elles, os fortes, lhe passarem com *sympathia* a mão pelo rosto.

Foram tantos os bons prognosticos que teve ao nascer que, esperamos, *A Semana* será querida, ou, pelo menos... tolerada.

Que a proteja a fada azul das nossas aspirações de moço.

A SEMANA

Devendo ser publicada, no dia 1.º de Janeiro proximo, a revista—*A Semana*,—de minha propriedade e redacção, cumpre-me explicar quaes os intuitos da nova publicação, que vem impetrar do publico o acolhimento, que sempre sabe dispensar aos que se esloçam por

produzir alguma cousa de util ou, p menos, de agradável.

A Semana é, principalmente, u revista de sciencias, artes e lettras mas não deixará por isso de passar a resenha os factos que se forem desbrando durante os sete dias de intervalo da sahida de um numero a out de desde que esses factos não affecten politica local.

Em politica *A Semana* guardar mais absoluta neutralidade, evitan que ella seja discutida ou citada n suas columnas.

E' esse um dos pontos capitaes programma da nova publicação.

De sciencias, artes e lettras promte *A Semana* tratar com o desenvolvimento que lhe permite a auctoridade de seus collaboradores, nomes feito assaz conhecidos para dispensarem clamores.

Chamo a attenção do publico para pugilo de individualidades que acham inscriptas no alto das listas assignantes, que fiz espalhar.

Quem ler a relação dos collaboradores d'*A Semana*, n'ella encontrará feitejados escriptores que, pelas suas produções, o livro, a tela, o jornal, a musica, etc., têm recebido as consagrações que só se dispensam ao talento.

Com a collaboraçào que tem *A Semana* está ella habilitada a cumprir a risca o seu programma.

Nas columnas do novo jornal se satisfará o paladar o mais exigente, offerecendo-se á leitura o conto, o folhetim, o artigo humoristico, a poesia emfim todas as multiplas manifestações do talento, envolvidas nas roupagens variadas que engalanam o estylo garbado dos escriptores de *élite*.

A Semana não se esquecerá da respeitavel classe commercial, para o que terá uma secção, confiada a pesso

competente, e na qual se tratará do movimento da praça, do porto, oscillações do cambio, etc.

Os amigos da gymnastica do espirito tambem encontrarão n' *A Semana* a diversão das charadas, logogriphos, enygmias, etc., secção essa que será entregue a dous distinctos collaboradores.

A Semana não cogitará somente da materia com que pretende encher as suas columnas. Na medida de suas forças, e isso dependerá da acceitação que tiver, publicará, alem do texto a que se obriga, uma musica, um retrato, desenhos sobre acontecimentos importantes, tudo enfim que possa constituir um agradecimento para aquelles que bem a receberem.

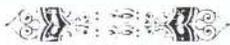
O novo jornal será distribuido aos domingos, em oito paginas, e terá uma capa de côr para os srs. negociantes que quizerem nella publicar annuncios de suas casas.

Eis o que pretende *A Semana*, eis o que ella fará auxiliada pelo publico.

Este que se digne ter para ella o bom acolhimento que os espiritos cultos sempre dispensam ás idéas que representam um esforço e, sobretudo, muito boa vontade.

Curitiba, 10 de Dezembro de 1892.

José Raposo.



FACTOS E BOATOS

Novas officinas

Apresentamos hoje aos nossos leitores tres trabalhos executados nas officinas dos Srs. Alfredo Hoffmann & Comp., estabelecidos ao Largo do Mercado n. 59.

Sao elles: os cabeçalhos d' *A Semana*, da capa de annuncios e a canção do Sr. Paulo Lanzini.

Taes trabalhos acreditam a casa em que foram feitos e muito honram os Srs. Alfredo Hoffmann & Comp., que tiveram a feliz idéa de dotar Curitiba com um estabelecimento de que tanto carecia.

Alem de executar trabalhos de gravação e lithographicos, possui a casa officinas bem montadas de pautaço, encadernação e typographia.

No estabelecimento dos Srs. Alfredo Hoffmann & Comp. ha muita presteza nos trabalhos, nitidez e preços razoaveis.

A nossa Matriz

Para que, de forma alguma, ha-

ja enganos de apreciação quanto á rota que traçamos, e que pretendemos seguir sem o menor desvio, entendemos dever explicar que a reproducção da igreja-matriz no cabeçalho d' *A Semana* absolutamente nada exprime quanto ás nossas idéas religiosas.

Mandamol-a reproduzir unicamente pelo seu estylo, reproducção que fariamos do mesmo modo com relação a um templo budhista, se algum aqui existisse com bellezas de architectura, ou que se tornasse notado por alguma belleza d' arte.

Repetimos: *A Semana* não é um jornal filiado a esta ou aquella creença; respeitará a de todos, dando, porem, aos seus collaboradores completa independencia de pensar, salvo no terreno da politica local, á qual não dará absolutamente lugar em suas columnas.

Regatas

Um grupo de rapazes, musculosos e *amphibios*, resolveram organizar brevemente uma regata para o que levam a ensaiar, todas as manhãs e tardes, nos *bosphoros* do nosso Passeio Publico.

Não desanimem e... remem forte!

A Semana

Pertencem aos nossos amaveis collegas d' esta Capital as linhas que abaixo transcrevemos.

Vai n' essa transcripção a gratidão que lhes hypothecamos.

« Como se vê dos annuncios que fizemos hoje distribuir entre os nossos assignantes desta cidade, apparecerá no dia 1º de Janeiro um jornal litterario denominado—*A Semana*,—cuja redacção será confiada ao distincto jornalista e apreciado litterato José Raposo.

Inegavelmente, o novo jornal virá fazer uma grande revolução em as nossas letras, por isso que, alem de uma intelligente redacção, apresentará elle aos seus leitores uma constante collaboração de festejados escriptores nacionaes.

A aparição da «*Semana*» vai ser para nós, os paranaenses, uma grande phase luminosa de amor ao estudo e aos trabalhos da intelligencia, que iam sendo um pouco descurados pelos nossos compatricios.

Felicitando o Paraná pelo grande emprehendimento com que vae ser

favorecido, affectuosamente saudamos o nosso distincto confrade José Raposo pela boa idéa que aninhou-se em seu espirito adiantado e progressista».

(Do *Diario do Commercio*)

« Deve apparecer nesta capital, 1º de Janeiro entrante, uma revista litteraria—*A Semana*—da qual é redactor o Sr. José Raposo, com a collaboração de muitos escriptores.

Pelo prospecto que o Sr. Raposo tem distribuido largamente colligose a utilidade da revista e é de esperar que tenha bom acolhimento do publico».

(Da *Federação*)

« Pelos assignantes desta folha, residentes fora desta capital, são hoje distribuidos prospectos d' «*A Semana*», um jornal que apparecerá a 1º de Janeiro, scintillante e *chic*, sob a illustrada redacção de José Raposo.

E' mais uma tentativa que se emprehende em favor das magras letras paranaenses, tentativa digna de todo o auxilio, de todo o entusiasmo, porque representa o esforço intelligente de um punhado de moços que ainda sonham gloria para esta terra.

E' de crer que não falem affagos á interessante *petiza*.»

(Da *Republica*)

Pilulas... e pilulas

Pelo nosso amigo Sr. Alfredo Guimarães Rosa, foi-nos offerecida uma caixinha contendo as afamadas pilulas anti-dyspepticas do Dr. Heintzelmann.

As pilulas são pequeninas, facis de engulir, por conseguinte, e affirmam os attestados, que não ha dyspepsia que lhes resista.

Felizmente não soffremos desse mal, que muita gente diz ser tormento tão grande que quasi equivale a um abraço de... sogra.

Agradecemos muito o presente do Rosa e esperamos que nos appareça a dyspepsia para nos mettermos em pilulas.

Na nossa capa de annuncios inserimos um dos preparados do Dr. Heintzelmann, publicação essa que foi contractada com *A Semana* pelo Sr. Alfredo Rosa, representante daquelle doutor.

o seu v
candidêz
sua bon
procurar
sorrir-m
Veio c
brilhava
perfume
athmosp
Era, t
va-me e
Em v
novo s
espera
cidade
Um p
vel pun
Tente
certeza
No d
como d
ao mer
E iss
nunca f
Afina
do, trê
dos nas
dez an
Appr
mo em
vel, qu
espirito
coraçã
de dôr,
quella
querid
Perg
bargad
da gran
va, si
dade q
Carme
A' e
lecer.
vem s
Hav
sexta-
dade,
talism
Qui
ças pa
sejo tã
Ah
Vie
toda a
do, fa
Dei
cauçã
cavall
A r
entret
via ta
Der
si tan
Foi
Porq
fatali
Vo

o seu vestido branco—symbolo da candidêz d'essa alma pura—com a sua boneca, e, como sempre, havia de procurar-me com os olhos, havia de sorrir-me!

Veio o domingo. O sol radiante brilhava em um ceu azul: um vago perfume de violêtas embalsamava a atmosphera limpida.

Era, talvez, a sua alma, que pairava-me em redor!...

Em vão esperei a passagem d'esse novo sol, d'essa flôr animada. Em vão esperaram todos: Carmen não veio à cidade.

Um presentimento atroz e inexplicavel pungiu-me o coração.

Tentei tranquillisar-me: viria, com certeza, no proximo domingo.

No dia seguinte, o velho não veio, como de costume, vender a sua lenha ao mercado.

E isso, quando, havia tanto tempo, nunca faltara um dia!

Afinal, vi-o dias depois,—alquebrado, trémulo, com dois sulcos profundos nas faces encovadas: envelhecêra dez annos.

Approximei-me, e d'elle ouvi, como em um sonho, uma historia horrivel, que nunca mais se apagará de meu espirito. E si a refiro, si ainda com o coração enlutado escrevo esta pagina de dôr, é como tributo de saudade àquella creança angélica, por todos querida.

Perguntou-me elle, com a voz embargada pelos soluços, si não soubera da grande desgraça que o acabrunhava, si não soubera da horrivel fatalidade que prostrára no tumulo a sua Carmen.

A' essas palavras, senti-me desfallecer. Ovi o resto, com uma nuvem sombria a empanar-me o olhar.

Havia seis dias, justamente—uma sexta-feira também—trouxera-a à cidade, contra o costume, por um fatalismo cruel.

Quiz vir, pediu-lhe; não teve forças para contrariar a neta em um desejo tão innocente.

Ah! si soubesse, si soubesse!

Vieram Logo ao entrar, vendeu toda a lenha. Tinha que ir ao mercado, fazer as compras.

Deixara a carroça bem travada, precaução essa aliás, inutil, porque os cavallos eram mansos.

A neta ficára na carroça, a brincar, entretida. De que servia levá-la? Havia tanto sol!

Demais, era demora de dez minutos si tanto.

Foi... Ah! porque afastou-se elle? Porque não levou-a consigo? Mas a fatalidade è isso mesmo...

Voltou: um grupo reunia-se á ges-

to. Um quadro horroroso apresentou-se-lhe aos olhos. Homens do povo retiravam, de sob as rodas de um carro, um corpo ensanguentado, quasi disforme... e esse corpo era o de Carmen... Um cocheiro inexperiente ou malvado, havia dirigido o seu vehiculo contra a carroça. Com o choque violento, a pobre creança cahe, solta a boneca, levanta-se, apanha-a, torna a cahir, d'esta vez no chão, derribada pela lança do carro, e passam-lhe então as rodas pelo corpo...

Morreu abraçada com a sua boneca... Os destroços de uma, confundiam-se com os destroços de outra...

Inseparáveis em vida, inseparáveis na morte!...

O velho já não podia fallar mais: lagrymas ardentes sulcavam-lhe a face resequida.

Entregou-me um jornal, que a custo desembrolhou de um lenço, e apontou-me um artigo—algumas linhas—que referiam apenas que uma menina fôra esmagada por um carro... e só.

Oh! si a conhecessem todos, como eu a conhecia! Si tivessem recebido um sorriso seu! Si a tivessem visto com a sua boneca!

Uma especie de suffocação subita impedia-me pronunciar uma unica palavra.

Afastara-se o velho, cêgo pelas lagrymas, dando machinalmente de rédea aos animaes da carroça, e ainda immovel, perdido em mil pensamentos dolorosos, parecia-me um pesadêlo atroz tudo quanto ouvira.

E foi assim, que na velha carroça de lenha ninguem mais viu aquella creança, que olhava-me e sorria, acalentando a sua boneca.

Apenas, quando passa agora essa carroça, guiada por um velho, pouco antes robusto e alegre, agora alquebrado e sombrio, não são raros aquelles que, como eu, lembrando-se de Carmen, sentem os olhos marejados de lagrymas, sabendo que nunca mais a verão passar.

Sim... nunca mais!

A. de H.

Página solta

Ha alguma cousa de levantadamente ideal n'aquella mulher, a quem tanto quero.

Quando a vejo nos salões, deslumbrando todas como o seu prestigio de mulher loura e bonita, sinto no peito um clangor de clarins, que vibram a admiração, o amor, sentimentos que me sahem d'alma como uma revoada de andorinhas emigradas de um paiz phantastico.

Mas é um demónio? É um anjo? É uma mulher?

Não sei; mas quando vejo o seu andar de duqueza, a sua bella cabelleira loura, raios perdidos de um sol de estio, parece-me que se passam metamorphoses em meu ser, e, homem, sinto-me pequeno para pedir àquella mulher não um olhar, não um sorriso, mas um beijo que me fizesse feliz, que me transformasse, que me igualasse à divindade.

E adoral-a-hia entre os hymnos das suas fallas magicas, sob a irradiação do seu olhar puro de virgem.

V. S.

A gondola Branca

A MLE. F. S.

São ancoras de esperanças, teus cabellos, densos véos. São pharões de luzes mansas os profundos olhos teus:

E tu, sem cuidado ou pena, sem uma sombra de dôr, nessa vaga tão serena és gondoleira do amor.

Refulge no mar em calma o astro de teu sorrir, o céu azul de tua alma pronuncia o teu porvir.

Sob este céu que é tão brando, neste mar, todo dulçor, possás ir sempre vogando, ó gondoleira do amor.

Navega da onda aos beijos tua gondola—o coração—os remos são os desejos, a constancia—o pavilhão.

Sua côr branca, donosa é de tua idade o candor: que vogues sempre ditosa, ó gondoleira do amor.

Luiz Nobrega.

rapidos perpassavam leves flocos de algodão, alvos, alvos de neve.

Perdidos os pequenitos lenhadores! Desarmado o traje, feridos, mãos e pés roejantes de sangue, achegavam-se estreitamente, o olhar velado de copiosas lagrimas, procurando, em torno, supersticiosamente atemorizados, embora sinuoso carreiro, por onde regressassem ao dia, á luz, á liberdade!...

...E tão longe o lar, o confortavel lar, aonde os aguardavam a mamãe e os irmãosinhos, amorosos todos, todos ansiosos por vê-los descerem a accidentada collina, curvados ao peso da carga, risonhos, lesto, despretenciosamente venturosos!...

—«Rezemos, Alberto, rezemos ao Pae do ceo!»

E, ajoelhados, mãos erguidas, olhar volvido para o azul, murmuravam baixinho, em fervorosa prece, phrases unidas de sentimento e de fé.

O Sol declinava mais e mais... Subito luminoso jacto banhoulhes as cabecinhas louras, e, atravez extensa abóbada de folhagem, horizontalmente, penetrava dourado raio, desenhando phantasticos arabescos nas sinuosidades do caminho.

—«O atalho!»—gritaram ambos. E retomando os braços, e sorrindo por entre derradeiras lagrimas, enveredaram resolutamente, labyrintho a fóra, as cabecinhas louras osculadas do ultimo beijo do sol.

Dario Vellozo

Reminiscencia

Extensa era a campina, verdejante a relva.

Amplio, quasi infinito, desdobrava-se um céu de azul diaphano.

De portes magestáticos, espiando o vicejar das alfombras campesinas, sobressahem alli e acolá seculares pinheiros de herculea robustez, por entre os quaes é atravez da vastidão do campo, ora rumoreja a viração, orasibilla agudo o minuano.

Aos lubricos amplexos de Apollo irradiante ostentava-se fulgurosa a natureza.

Uma bella camponeza, cheia de vida e desperta de amor, destacava-se na airosa paisagem.

Ao perpassar do vento, furtando-lhe myriades de beijos ao coralino, de suas faces, affagando-lhe o setineo cabello negro ondulante pelas espaduas, percorria ella o campo, descalça, deixando entrever o jambineo avelludado de sua cutis, cantarolando com essa livre expansão dos filhos das selvas.

Seguindo-a, procurei aproximarme.

Com olhares irrequietos, dir-se-ia ter ella o sonho de avassalaro infinito e prescrutar-lhe os arcanos.

Extasiado, contemplando-a, sentime covarde para supplicar-lhe olhares, não pude patentear-lhe a pureza de meu rapido encanto.

Furtiva, olhou-me de subito e com o ar risonho, synthese viva de um coração puro de virgem, affastou-se esquivava, deixando-me a sós, mediativo e saudoso, sentindo pullular a grata recordação de um momento sublime.

Antigono.

A roceirinha

(HISTORIA VERIDICA)

Todos os domingos, com uma certeza mathematica, eu a via passar, das janellas do hotel.

E era um gosto vê-la!

Sentada em um môlho de palha, sobre a pilha de lenha da carroça, tão bem como si estivesse reclinada em almofadas de velludo, tendo ao collo uma boneca, sua companheira de todos os momentos, lá vinha ella, a olhar attenta os transeuntes, com os seus grandes olhos ingenuos.

Já todos a conheciam ao longe, quando a velha carroça desconjuntada dobrava a esquina para entrar na cidade.

Havia dois annos que ali habituaram-se a vê-la aos domingos pela manhã—menos si chovêsse—com o seu vestido curto, de musselina branca, offuscante aos raios do sol, os bastos cabellos louros um tanto cahidos para a testa, atados com uma fita azul, que a brisa frêscia fazia ondular.

Parece-me que a vejo ainda!

Paravam os transeuntes para vê-la; afastavam-se as carroças para dar-lhe caminho; muitos tiravam os chapéos, como á passagem de uma santa; sorriam-lhe todos.

O avô, um velho, guiava a carroça, com mão firme ainda, cumprimentando todos, muito humilde, com um sorriso de agradecimento, de chapéu na mão.

E como se expandia o coração do velho, como pulsava commovido ante essas demonstrações partidas do intimo d'alma!

Como sentia-se orgulhoso, ouvindo as exclamações lisongeiras, que tinham por alvo a neta,—elle que a adorava, que votava-lhe um culto divino, capaz de todos os sacrificios!

Que idade tinha essa creança? Uns seis annos: talvez menos, talvez mais: quando muito sete. As suas mãos mi-

mosas e delicadas como o bogary serra, pareciam mais de fidalga do de roceira, filha de um lenhador.

Tinham as suas faces o perfume côr das rosas...

E com que graça cerrava os longos cilios, quando um sorriso faceiro treabria-lhe os labios vermelhos, divisar-me á janella, de proposito povel-a!

Contara-me o avô, que tinha por vocação, desde que a sua neta querida cou mais crescida e forte bastante, zel-a todos os domingos á cidade, ra que visse as bonitas coisas que havia.

Comprava-lhe sempre alguma coisa ou algum doce que ella guardava para a mãe.

Um dia viu—pobresinha!—uma boneca, na verdade bonita, exposta á trine de uma loja.

—Vovô! foi a sua exclamação, apontava extatica, sem palavras que podessem exprimir a sua admiração objecto cobiçado.

Indagou o preço. Framuito. Nada menos do que o valor de dois carros de lenha.

Mas a menina deitava-lhe um olhar tão terno, tève os olhos tão vermelhos fitos sempre na vitrine, quando afasaram-se.—que jurou á si mesmo comprar a boneca, fosse lá como fosse.

Pela sua Carmen, faria impossivel. No domingo seguinte, como costume, trouxe-a, e entraram ambas na loja...

E foi sem pena que abriu a bolsa para dellá tirar o dinheiro necessario á aquisição da boneca.

Entretanto, quanto suor, quanto fadiga custara-lhe!

Mas esquecia tudo, para pensar na alegria d'essa creança louca que o chamava avô.

Que contentamento o seu, quando recebeu em seus braços a boneca, primeira—bonita assim—que possuia. Que transportes de alegria! Com o amor estreitou-a ao peito, e reparava com ella os beijos que prodigalisava sempre ao seu avô querido!

Horas horas passava, a conversar com a boneca, e a vestir-lhe roupa que a mãe fazia-lhe

E dir-se-hia que ambas se compendiam!

E dir-se-hia que a boneca de cera animava-se, que os seus olhos brilhavam mais, quando aquella outra boneca viva chegava-lhe os labios que a face fria...

Pelas longas tardes de estio, acudia ao seu collo essa menina, sempre apertada ao coração a boneca de cera, que, de olhos fechados, parecia tambem dormir.

Ha dias ausentei-me da cidade. Voltei justamente em um sabbado. No dia seguinte veria, sem duvida

Pian
nombra
Voici
A roda
linca lo
estava
obeso c
de roup
no verã
Boa
Boa
Os e
isto é.
atrasad
Ha mu
que não
já fui s
O L
poesias
esliand
do em
descid
Dign
to ver
laca.
tento a
do no
ciam n
isto é,
o café.
Mes
pa. rep
da, mo
tos, ap
bande
picas.
A
avido.
O J
des at
e barb
do, es
masc
em ré
haver
com t
na er
mava
na F
nha is
lha
da nã
não s
gesti
-I
Fo
camb
de ca
O
galha
denta
nhos
fallar
te, si
sor d
Bo
Bo
En
los

Piano em penumbra, moveis em penumbra—o silencio.

Voei á sala de leitura, sala d'armas. A roda estava completa quasi, narizes ligados nos jornaes. A um extremo estava o Leão Costa, muito medío e obeso como um fradeco chic á paisana, de roupas grossas de inverno, em pleno verão.

Boa noite!
Boa noite!

Os extremos se tocam, fiz o mesmo; isto é, abri o Educador Christão, da'atrasadissima, sem leitores assiduos. Ha muita gente que diz ser christã e que não é; eu, sim, sou christão; — até já fui sachristão.

O Leão Costa estava ás voltas com poesias, piscando, franzindo o nariz e esfiando o bigodinho maróto. De quando em vez aflagava a pança, mollemente descida sobre as côxas.

Digno Vieira, rosto em frasco, muito vermelho, cabeça em prostração polaca, premia vagamente espinhas, attento a uns contos ligeiros e procurando notas de viagem que nunca appareciam no Tempo. Dava tempo ao tempo; isto é, eram oito horas, não demorava o café.

Mestre Cook, gaforinha basta e crespa, repartida capocirescamente á banda, mostrando as cangicas, braços abertos, apresentava em curvatura a larga bandeja copiosa de chicaras microscopicas.

A roda despertara, sorridente, olho avido, cuspinhando pontas de cigarro.

O Juvenal Raposo, morenote, bigodes atrevidos de calabrez, olhos gordos e barbaros, typo de arabe abrazilleirado, estava na roda, mas na roda viva, mascateando a Semana, passeando-a em réclame—porque a Semana, dizia, haveria de sahir na proxima semana com todos os fff e rrr; porque a Semana era um horror de trabalhadeira, tomava todo o seu tempo para escrever na Folha Nova; porque a Semana tinha isto e tinha aquillo; porque a Folha era sua irmã e ainda não saia mas havia de sair, ou então não saíria nunca; e sentou-se, afinal, gesticulando.

—Porque a Semana era amiga da Fo... e o lha sumiu pela guela, de cambalhada com uma golfada longa de café bem quente.

O Fernando Guilherme, olho esbugalhado, rindo sempre para mostrar a dentadura alva, beberricava aos golinhos, entre olhadellas vagas pela roda, fallando pelos dentes, accentuadamente, sibilantemente, como bom professor de glottica.

Boa noite!
Boa noite!

Entra o dr. Jove de Almeira, cabellos louros, olhos cruéis, quarentão, bigodes retorcidos em pontas capillares, vermelho como um suco; havia chegado tarde, não tomava café.

Metteu a bocca na palestra,—era da roda; ninguem mais ousou fallar; causer terrível; voz espremida, meliflua, aflautada, fallava por todos, monopolisticamente; tratou de climatologia, discorreu sobre os negocios do sul e outros assumptos.

Todos por fim liam em voz alta, e todos eram obrigados a responder-lhe naquella mashorca infernal. Fallou, fallou muito e eclypsou-se.

O Strauss, imberbe, um espigão, passava, saracoteando rapido, e lá se ia para os lados da bibliotheca, trauteando um trecho de musica da lavra, para fazer crer ao homem de bigode calabrez, que no segundo numero da Semana sairia infallivelmente opera...

Abeirou-se da roda o romantico da epoca: bom croisée, calças claras, bamboleando a perna, fronte ampla, cabellos bastos de poeta medieval á la moderne, nasoculos trepados ao nariz aquilino, olhos por cima dos vidros. Era o Anselmo Braccara. Assumptou a palestra e partio para o saguão, todo impertigado fitando os tacos perfilados ao fundo. Ia conferenciar com um rapaz magriço, barbas castanhas, olhos castanhos, bigodes castanhos, ratiota cor de castanha; cara miuda, nariz em ovaes, vermelhito como uma pimentã de cheiro. Olho de gambá. Sai tomar fresco ao saguão.

Lá estava o dr. louro, sentado, philosophando, dedos na cava do collete, olhos grelados para a escada de espiral, como um gato espreitando uma ratazana.

—Que faz ahí doutor?
—A espera da mala!

A roda foi se desmanchando; era tarde.

Saí com o rapaz obeso—o Leão Costa.

A proposito, disse-me elle no primeiro degrão da escada, batendo-me no hombro,—descobri uma cousa maravilhosa, importante, descommunal! e mostrou-me a ficha desligada do cordel.

Ora veja você, continuou com calor, ora veja você: um cordel, um fio tão forte que eu não sou capaz de rebenotar; no entretanto, diante da fricção sobre o fio de uma lamina de metal, parte-se atôa... Fiquei calado.

Descemos, frente para o estandarte refulgindo as suas lantejoulas de prata com inscrições, como nebulosas e via-lacteas sobre um pedaço azul do céu.

34! Tomei o chapéo e a bengala.
Saímos a flunar.

Boa noite!
Boa noite!

E parti através das trevas... que trevas tambem eu tinha na cadéca, por não poder comprehender como uma lamina afiada póde cortar um cordel...

A roda é isto.

Assim tambem hão de ser estas rodellas.

Domingos Mascimuto.

A morte de um poeta

Soffreste muito, muito! eterno incomprehendido!
Tinhas o olhar severo e o ar sempre sombrio;
E é por isso que alguém, ao ver-te entristecido,
Chamava-te vilão, chamava-te vilão.

Nossa alma é um utopia! A materia é que vale,
E' que existe, é que quer, é que ruga, é que grita!
Que importa, pois, enfim, que o nosso peito estale?
No ardor da aspiração olympica e infinita?...!

Ah! os felizes, sim! ó meu amigo, ó morto!
Só se deixam guiar por um itinerario;
Vencem da vida o mar,—seno que avistem o porto
Onde a vaga soluça o poema do Calvario.

Ruminantes! jamais comprehenderão a estrella
Que pisca, pensativa, além, pelas alturas;
Chegamos até lá, a azul e arqueada umbella,
Pela escada feral das bronzes amarguras...

Mas, que destino atroz! A lagryma bendita
Que nos marca o olhar nas horas de tristeza;
A lagryma com que é a nossa vida escripta
Como nos pesa a nós com colossal fereza!

Ah! poeta infeliz! sorriste e deliraste
Na insania de sonhar as glorias do futuro!
O' ferido condor! ó astro que tombaste
Nas sombras immortaes desse mysterio escuro!

Repousas... e és feliz! A morte é nossa amiga;
Perdoa todo o mal e todo o bem alcança;
Deixa que o mundo inteiro a apostrophe e a maldiga...
Descança, ó meu amigo, ó meu irmão, descança.

Leoncio Correia

Perdidos

Extraviados, perdidos, já muito longe do atalho que conduzia á choupana, grosseiramente aberto,—em plena mata virgem, pujante, vigorosa, os troncos emmaralhados de impenetravel rede de lianas,—choravam dous pequenitos lenha'ores.

Aqui e alli, pelos troncos, pelas bifurcações dos ramos,—graciosas parazitas, de bellas flôres vermelhas, muito vermelhas,—como os labios de sardia creança ou o coral custosamente subtrahido á maravilhosa fauna dos oceanos.

Por vezes, cantos longinquos de aves enamoradas; e, muito alto, por cima do arvoredor, cantinho do céu, azul, azul,—saphyra mysteriosamente engastada no esmeraldino das alterosas franças.

Entreolhando-se demoradamente, silenciosos, tristonhos, Luiza e Alberto depositaram os gravetos sobre o terreno humedecido...

Para onde demoraria o casebre, levantado no pendor de accidentada collina?...

Como de vulcão em actividade, surdos rumores corriam a floresta, e os sobranceiros ramos batiam uns nos outros, chocados por dextra ignota.

A luz diurna diminuía gradativamente, rareavam os cantos e, no azul,

A morte de um poeta

O nosso presado amigo e collega Leoncio Correia remetteu-nos para ser publicada uma sentida poesia dedicada a um poeta morto.

Esse poeta chamou-se Lins de Albuquerque e no seio da bohemia em que viveu sobresahiu sempre pelo seu fino espirito, salientou-se por uma delicadeza de sentir com que envolvia as suas produções poeticas.

Lins escreveu o—*Beijo posthumo*, estrophes adoraveis, que por si sós bastariam para consagração do poeta de fino quilate.

E morreu muito moço ainda. Colheu o a morte quando, talvez, estivesse a concluir alguma canção de amor.

Caridade

Verdadeiramente commovente de uma delicadeza extraordinaria, a festa a que, por acaso, assistimos, n'um dos domingos do mez que findou, no edificio do *Deutscher Saengerbund*.

A distincta *Sociedade Elisabeth*, composta de um luzido grupo de senhoras, caridosas e boas, reuniram nesse dia no espaçoso salão do *Saengerbund* os necessitados, os desprotegidos da fortuna, esses batalhadores incansaveis que vivem á mercê do Destino que lhes nega o pão, e ali, então, a cada um delles, distribuia uma peça de vestuario, um alimento, um objecto de uso domestico, que os infelizes recebiam com os corações a romperem-se em hymnos de gratidão.

Sensibilisou-nos immensamente aquella caridade.

Em volta de uma extensa mesa, onde se achavam os objectos de que acima fallámos, vimos algumas senhoras que faziam a sagrada distribuição.

É felizes se mostravam tanto os que davam como os que recebiam, em eloquentes effusões, de uma elevação de trazer lagrimas aos olhos dos assistentes.

Abençoadas essas almas caridosas que entre os ruidos, entre as festas do mundo, não se esquecem dos que choram, dos que não têm pão.

Os nossos parabens á *Sociedade Elisabeth*, pela sua festa, que a tantos beneficiou.

Canção

O distincto e apreciado maestro

Paulo Lanzini teve a extrema delicadeza de compôr uma deliciosa canção que dedicou ao nosso jornal.

Não temos phrases que possam exprimir os nossos agradecimentos ao digno maestro, e para de algum modo podermos corresponder a tão grande fineza resolvemos offerecer aos nossos assignantes um exemplar da mimosa canção que, estamos certos, será devidamente apreciada.

Francisco Corrêa Vasques

O dia 10 de Dezembro ultimo tornou-se para a arte dramatica brasileira uma data verdadeiramente luctuosa.

Nesse dia falleceu no Rio de Janeiro o discipulo querido de João Caetano, o Vasques tão predilecto das plateias.

O que foi esse artista, o que elle fez na carreira a que se dedicou, arrastado por uma decidida vocação, dil-o a serie de triumphos que alcançou tornando-se alvo dos applausos de todos aquelles que uma vez foram ao theatro ouvi-lo.

Alma aberta a todos os sentimentos de generosidade, bom companheiro, athleta a bater-se denodadamente em prol dos que soffriam, o Vasques foi uma individualidade fortemente accentuada no espirito de todos aquelles que o souberam apreciar.

Abolicionista desinteressado, não havia festa a que elle não levasse o concurso do seu grande talento, estancando muitas lagrimas de esparvisados com as expansões geniaes da sua gargalhada, como propriamente o disse um escriptor.

A estatua de João Caetano, que se eleva á frente da Academia de Belas Artes, é devida aos esforços que fez, á dedicacão que elle tinha pelo mestre, á sua grande perseverança.

Actor e auctor, durante muitos annos encheu a scena brasileira com a grandeza de seu talento. Hoje, morto, enche com sua memoria a historia da arte dramatica brasileira.

A *Semana* curva-se ante o tumulo do grande artista e sobre elle desfolha saudades.

Club Curitybano

Na ultima eleição a que se procedeu n'esse distincto club foi reeleito presidente o Sr. Cyro Velloso.

Garantia de ordem e prosperidade para a sociedade é a conservacão desse digno cavalheiro a testemurho da brilhante associacão.

Damos-lhe parabens e ao Curitybano.

Os nossos annuncios

Tão graciosa foi a accitação que parte do commercio teve a honra de annuncios, que foram forçados a augmental-a no proximo numero, ao facto de meiro d'atenderem sido prejudicados por terem chegado tarde.

Pedimos desculpa aos Srs. annunciantes e a todos agradece a bondade do acolhimento.

Secção de modas

Tencionamos muito brevemente a accitação que tiver a honra de encetar a publicacão de uma secção de modas, que será acompanhada de desenhos explicativos.

A RODA

34!

rompeu o pequeno porteiro junto á grade, apresentando-me um tento de metal suspenso por um cordel.

Entreguei-lhe o chapéo e a bengala guardei a ficha. passei os dedos por tre os cabellos e subi lesto pela escada em espiral do Club.

O saguão estava deserto. O estalante verde refulgia as suas lanternas de prata, e, á luz vivissima dos candeeiros belgas, semelhava, por entre os vidros, um pedaço de céu apontado de constellações fulgidias de todo um systema planetario com as lateas e nebulosas ali pregadas ao pricho. Antes assim.

A sala dos bilhares estava cheia deitar fora: tacos a prumo, tacos a bola, tacos ao horisonte; uns em espetativa, outros espetando o pannolabola em *pis!* Caramboladas succediam-se, ás rotativas, furiosamente, tiginosamente, descrevendo ridiculamente ellipsoides e cycloides.

A parabola... da vida ali entrava tambem, para rir nas bochechas das das da burguezia indigena. O rapaz festejava. Antes assim.

O quarto contiguo era um ovo de gurgas sombrias cabeceando; umas enrijadas, desfiguradas; outras contentes e rubicundas; dedos ao ar em vidade—mãos espalmadas fazendo gyrrar o volante. Cartas na meza, dinheiro e bolço. Antes assim.

Corri o reposteiro do salão nobre

COMEDIA BURGUEZA

Sapatos de defuncto

Ella e elle

Era já idosa, mas jovial. Chamava-se Monica. Apparentava certo ar de independência e quietação que o dinheiro dá aos dilectos da fortuna. Não havia no seu todo o quer que era de somne e de paternal.

Dizia-se que tinha fortuna: calculava-se e precisava-se em alguns contos réis a importancia do seu capital e propriedades rusticas e urbanas, optimas inscrições de assentamento da Junta do Credito Publico.

Mais nada!
D'ahi a veneração das turbas. Todos traziam nas palminhas D. Monica, coisa naturalissima.

Cada visinho era um criado seu, tado submisso, prestante, desinteressado a mais não ser, mesmo por e nenhum d'elles se gabou nunca lhe ter visto as cruces ao dinheiro. Certo sentimento de delicadeza bibia-os, coitados, de descerem por tu proprio a essas minudencias quenas e ridiculas, de um positivo réis e pelintra.

Pela sua parte a feliz senhora, alvo objecto de tamanhas e tão singulares atencões, trazia-os a todos elles, apre no coração, e estragava com a prodigalidade notavel, no elogio tão excellentes pessoas, muito boas palavras, as suas melhores palavras de conhecimento, de sincera amisade. Assim viviam elles e D. Monica, ao meçar do anno de 1857, na mais thante harmonia, no seu bairro, na rua, na sua casa,—como Deus com anjos.

Nenhum mau sentimento de inveja, humia idéa occulta de ambiciosa versidade, entrara até ali no ceref d'aquella gente, cuja pobresa de rito como que servira de preservoás negras tentações do Satan dito.

Nenhuma!
Um dia, porém, quiz o destino que perceceiro Antonio Dourado, rege em todas assituações da politico do paiz, da qual elle se gabava de não onder menos do que dos seus chous, em cujasalga erade facto uma cedidade—quiz o destino, diziamos, Antonio Dourado tivesse uma e essa idéa tivese por objectivo a ca dos bens alheios.

lle era visinho de D. Monica, vi de escada, de pé da porta. bbia que ella se gozava regalada de das suas rendas, com muito fo de abastança, sósinha com a criá-

de sorte que estava mesmo aguçando o apetite aos gulosos dos bens alheios, um bando de ociosos especuladores cujo parasitismo sabe de ordinario tirar da morte mais proventos que o proprio cangalheiro!

E como sabia isto, arreliviava-se consigo e com o seu balcão, dava-lhe murros, porque no fim de contas elle não tinha menos direito que os demais a posse de uma boa herança.

Merecimentos tambem não tinha menos.

Não senhor.
Viera da terra, ha quinze annos, com as mãos a abanar, e um pedaço de broa dura, e com isto começara a vida trabalhando, sem offensa de ninguém,— como um burro!

A principio levára vida de negro, comera o pão que o diabo amassou, mas ao depois, foi-se emancipando pouco a pouco, foi abrindo os olhos; quando era já caixeiro, as suas economias chegaram-lhe para adquirir algumas leiras de terra, estabelecer-se afinal e por ultimo emprestar ao proprio patrão dinheiro... que por signal nunca o desgraçado pode pagar.

Cabeças!...
Sealguem por ahi com melhores barbas tivesse mais merecimentos do que elle, para levar a agna ao seu moinho, quer n'umas eleições, quer no manejo da mercearia, que se apresentasse...

Sim que se apresentasse...

Elle gostava de o conhecer!
Farroncas tinha visto muitas, obras é que se queriam, mas obras sem basolia, porque afinal Antonio Dourado, era o que era e ninguém tinha nada que lhe dizer.

Ora essa, quanto possuia custára-lhe bagas de suor, e não estava devendo nada a ninguém; era o resultado da accumulção do capital, era emfim o seu rico dinheiro.

Quando a gente chega á posição de ser alguma coisa, deve ter conhecimento desi, e saber-se gozar.

Gozar sabia elle, e com juizo!

Casou logo quepoude com uma moça quetinha mais toucinhos, que o melhor cevado da sua terra, mocetona que valia os olhos da cara.

Aquillo era o que alli estava, o que a cepa dera, sã e pura como um pero, cousa de lavar e durar, mulher de trabalho como elle, mulher para fazer casa.

Logo, que menos merecimentos tinha do que os demais golosos que andavam ao cheiro da fortuna de D. Monica?!

Eis a interrogação tentadora, uma especie de gancho em braza em que andava dependurada a sua cubiça, e lhe estrangulava muitas vezes na garganta um conceito que até então nunca se atrevera de formular a seu respeito: era um pedaço de asno? (Continúa)

Horas de Ocio

E' esta secção dedicada aos amadores de charadas, enigmas e mais problemas referentes a esse genero de diversão.

Variada, quanto possivel, entregue a uma commissão entendida no assumpto, e meticulosa na escolha dos problemas apresentados, esperamos que agrade a nossa secção, para a qual desde já aceitamos collaboração.

Publicaremos mensalmente vinte e cinco trabalhos, e faremos a apuração geral dos decifradores, cabendo um bom premio áquelle que maior numero de decifrações apresentar.

Os decifradores terão preferencia na publicação de trabalhos, e cada problema será contado como *decifração* do respectivo auctor.

Para estréa, damos os seguintes trabalhos:

ENIGMA

(A. de H.)

AA o ⁰⁰⁰⁰ 0 ⁰⁰⁰⁰
^{0 0} ^{00 00}
⁰⁰⁰⁰ ^{00 00}
0 0 0 0 —S 1001 ^o contra

Rão a Cl^{ta} S.?

LOGOGRIPHO

Falla a ordem

(Guilherme de Azevedo)

Pequeno, d'onde vens cantando a *Marsehesa*; —2—3—5—8

Da barricada infame, ou d'outra vil torpeza? —6—5—2

Que esplendido porvir! Do nada apenas sahes

Começas a morder as purpuras reaes —3—8—4—3

O' filho trivial da livida canalha!... —1—3—5—8

E, vamos, deixa ver, guardaste uma navalha?!

Não tremas que eu bem vi! que trazes tu na mão? —3—8—5—2

Intentas já limar as grades da prisão, —4—2—6—2—3

Fazendo scintillar um ferro contra o solio —8—1—7—8

Archanjo que adejaes nos fumos do petroleo?!

Mas, vamos, abre a mão: não queiras que eu te dê.

Bandido eu bem dizia! —a carta do ABC!...

Recebemos soluções até ao dia 5, ao meio dia.

PALESTRA SOBRE MECHANICA

Introdução



Em um seculo que a todo momento nos apresenta novos progressos de ordem industrial em que a cada

passo um novo processo mechanicos nos revela, é impossivel que o estudo serio da mechanica não acabe, afinal, por fazer partedo ensino o mais elemental.

Cursando certas aulas, podem iniciar-se nos segredos d'essa sciencia não sóos operarios de Curityba. como todos aquelles que se dedicarem aos verdadeiros interesses populares.

Infelizmente, nem todos podem gozar dos varios meios de instrucção que Curityba, mais do que qualquer outra cidade do Paraná, offerece.

Julgamos, pois, de utilidade geral, a publicação de uma serie de despretenhosos artigos sobre mechanica, não nos apresentando, porém (escusava dizê-lo), como mestre, nem auctoridade no assumpto.

Temos em vista, sómente, facilitar o seu conhecimento áquelles que não podem adquiril-o nas aulas proprias.

O que desejamos, o que esperamos, é que não haja um só operario, um aprendiz, um menino de escola, que deixe de comprehender as nossas ligeiras preleções.

E para isso, compromettemo-nos a não empregar formula alguma que contenha X,—e si alguns calculos, aliás muito simples, nos parecerem indispensaveis, procederemos de modo que elles somente exijam os conhecimentos relativos ás quatro operações de arithmetica.

Em summa: evitaremos sempre o emprego de palavras extranhas á linguagem vulgar, e quando de todo não dispensal-as, explicaremos por modo possivel o seu sentido, e a sua significação.

Podiamos simplificar o nosso trabalho limitando-nos a enunciar as leis da mechanica sem apoiá-las com demonstrações; podiamos nos limitar á simples exposição dos factos, sem proval-os, sem explical-os com o mas rigoroso raciocinio.

Parece-nos, porém, que proceder d'essa forma seria, de nossa parte, uma rematada falta de attenção para com os nossos leitores.

Por muito tempo seguiu-se esse triste, e quasi vergonhoso methodo Assim, até hoje, segundo parece, foi costume dizerem os professores aos discipulos:

Acreditai!—em vez de dizer-lhes, como agora dizemos: —Raciocinai!

Será o nosso trabalho dividido em duas partes: a primeira tratará dos principios fundamentaes d'essa sciencia; a segunda, de suas applicações.

Pensamos que esta ultima deve merecer especialmente attenção.

Devemos, porém, prevenir os nossos leitores que, si desprezarem o estudo da primeira, nada, absolutamente, comprehendirão da segunda.

em vista os operarios, não é, todavia, sómente para elles, ou para meninos de escola, que emprehendemos a grata tarefa de escrever.

E' tambem para pessoas de mais elevada esphera social, pois ali encontram-se, igualmente, ignorantes.

Sim, nos salões elles formigam: muita gente boa ha, por ahi, que possui, por exemplo, um repueho em seu jardim, ou uma bomba d'agua, e não sabe porque razão a agua se eleva, nem em virtude de que principios é ella aspirada; ou que accomodam-se em um wagon de estrada de ferro, sem que comprehendam de forma alguma, o que determina o apito da locomotiva, ou a causa que produz o esguicho do vapor, ou do fumo.

Como limita-se a nossa ambição á simples palestra, não se poderá, pois, exigir de nós uma ordem demasiado methodica em nossa exposição.

Sobre a bella sciencia de que vamos nos occupar, não diremos, talvez, tudo quanto seria util ou necessario relatar: dissertaremos, porém, sobre pontos elementares, e cuja ignorancia, hoje, seria imperdoavel.

Não promettemos, é certo, uma palestra muito divertida e variada: mas empregaremos, quanto em nossas forças couber, todos os meios possiveis para não tornar-se demasiado aborrecida.

Dito isso, sem mais preambulos, entraremos em materia, no proximo numero.

St. Costard.

EXPEDIENTE

CONDIÇÕES DA ASSIGNATURA

Capital 3\$000, por trimestre
Com porte pelo correio 1\$000, » » »

PAGAMENTO ADIANTADO.

As columnas d'*A Semana* estão francas á collaboração de todos aquelles que estudam.

Acceptamos annuncios para as capas que acompanham *A Semana*.

Todos os negocios que se referem á administração d'*A Semana* devem ser tratados unica e exclusivamente com o Sr. Norberto Coelho, gerente da folha.

Os Srs. assignantes são convidados a vir ao nosso escriptorio receber um exemplar da Canção do maestro Paulo Lanzini.

As pessoas que receberem to presente numero e não o devolverem serão considerados assignantes d'*A Semana*.

A Semana tem o seu escriptorio á rua Marechal Deodoro n.º 35.

Aos cavalheiros que tiveram a bondade de aceitar listas de assignaturas d'*A Semana* pedimos o obsequio de devovel-as até o dia 3, ao meio dia, afim de que possamos passar os nomes de assignantes n'ellas contidas para os nossos livros.

A Semana publicar-se-ha aos domingos.

São nossos agentes na cidade da Lapa os Srs. Major José Menandro Barreto e capitão

SECÇÃO COMMERCIAL

Tabella de cambio

Taxas sobre Londres	Soberanos	Paris Franco	Hamburgo Marco	Portugal	Rio de Janeiro Escudo	Dollars
12	20.000	974 981	350	4.320	4.117	
1/8	19.793	876 971	345	4.274	4.073	
1/4	19.591	778 961	340	4.230	4.031	
3/8	19.393	770 951	336	4.187	3.990	
1/2	19.200	762 942	332	4.147	3.952	
5/8	19.009	754 932	327	4.105	3.912	
3/4	18.823	747 923	323	4.061	3.873	
7/8	18.640	740 914	319	4.020	3.836	
13	18.461	734 905	315	3.975	3.800	
1/8	18.285	727 896	311	3.931	3.764	
1/4	18.113	720 888	308	3.890	3.729	
3/8	17.943	713 880	304	3.847	3.694	
1/2	17.778	707 872	300	3.804	3.660	
5/8	17.614	699 864	296	3.803	3.627	
3/4	17.451	693 856	292	3.768	3.594	
7/8	17.297	687 848	288	3.734	3.561	
14	17.143	681 841	286	3.700	3.529	
1/8	16.991	675 833	282	3.670	3.498	
1/4	16.842	669 826	278	3.636	3.467	
3/8	16.695	663 819	276	3.605	3.437	
1/2	16.551	657 812	272	3.575	3.407	
5/8	16.410	651 805	270	3.544	3.378	
3/4	16.271	646 798	266	3.513	3.350	
7/8	16.134	641 792	262	3.484	3.322	
15	16.000	635 785	260	3.456	3.294	
1/8	15.867	630 778	257	3.427	3.267	
1/4	15.737	625 772	254	3.400	3.240	
3/8	15.610	620 766	252	3.370	3.213	
1/2	15.483	615 760	248	3.344	3.187	
5/8	15.360	610 753	246	3.317	3.162	
3/4	15.237	605 747	242	3.290	3.137	
7/8	15.118	600 741	240	3.265	3.112	

Mercado de Curityba

Arroz (creoulo)	60 kls.	24\$000
Dito inglez.	» »	20\$000
Farinha de trigo	10 arr.	10\$500
Dita de mandioca	80 litr.	9\$000
Dita » (sul)	» »	7\$500
Dita » (esp.)	» »	10\$500
Dita » milho	» »	11\$000
Café 1.º	Sacco	8\$000
Feijão	120 litr.	28\$000
Centeio	30 kls.	3\$000
Milho	120 litr.	15\$000
Dito (sul)	80 litr.	8\$000
Gomma	50 kls.	12\$000
Assucar (branco)	Kilo	\$760
Dito 3.º	» »	\$720
Dito 4.º	» »	\$600
Dito cru (branco Pernamb.)	arroba	9\$500
Dito somenos	» »	8\$000
Dito, mascavinho sul	» »	7\$000
Carne secca	» »	9\$500
Toucinho	» »	6\$500
Batatas (da terra)	80 litr.	7\$000
» (sul)	» »	8
Cebolas	arroba	6\$500
Cera	Kilo	2\$000
Manteiga (terra)	» »	2\$800
Massas (côr)	» »	1\$200
Ditas (branca)	» »	\$950
Fumo (em corda)	arroba	35\$000
Sal	35 litr.	3\$000
Mel	Litro	\$750
Aguardente (sem casco)	Pipa	170\$000
Vinagre	» »	75\$000

(1) A falta de espaço obrigou-nos a retirar materia desta secção, que, no proximo numero, sabirá mais completa.